

## MEDIAÇÕES ENTRE O FOLHETINESCO E O REALISMO EM *O COMENDADOR*, NOVELA DE CAMILO CASTELO BRANCO

Ernane Alves Siqueira\*

A década de 70 do século XIX foi marcada, em Portugal, pelo embate de duas correntes literárias aparentemente imiscíveis: o *Romantismo* e o *Realismo-Naturalismo*. Na verdade, esse embate tem seu início em 1865 e 66 com a célebre *Questão Coimbrã*, polêmica literária que agitou o meio intelectual português e que se acendeu quando Castilho, romântico reacionário e espécie de sabatineiro dos escritores portugueses, criticou os estilos literários de Antero de Quental e Theophilo Braga, que representavam o intuito reformista da nova geração de pensadores que se formava em Coimbra. Antero responde com um folheto intitulado *Bom senso e Bom gosto*. Theophilo, com *Teocracias Literárias* e *Relance sobre o Estado atual da Literatura Portuguesa*. Estava armada então a luta entre o novo e o velho. Camilo Castelo Branco, da ala romântica, também entra na luta e descarrega seu humor cáustico em Theophilo Braga, ridicularizando-o com seu *Vaidades irritadas e irritantes*. Os ânimos se acirram a ponto de Antero de Quental desafiar, para um duelo, Ramalho Ortigão.

A *Questão Coimbrã*, além de reivindicar um novo estilo para a Literatura, o *Realismo*, concretizou o primeiro protesto de rebeldia contra o *Ultra-Romantismo*, que, segundo os críticos da época, padecia de um monótono artificialismo.

Mais tarde, em 1871, a juventude coimbrã, liderada por Antero de Quental e que ficaria conhecida como Geração de 70, realizou as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense. Tais conferências procuravam colocar Portugal em sintonia com as tendências européias da área política, cultural e científica. É com esses acontecimentos que o *Realismo* toma novo impulso, em Portugal. Eça de Queirós se transforma em o doutrinário da nova Literatura quando, em sua

conferência, apresenta O *Realismo* como sendo a nova expressão da Arte e ratifica essa posição com as publicações de *O crime do Padre Amaro* e *O primo Basílio*, marcando, definitivamente, o surgimento, em Portugal, do *Realismo*, que mais tarde se radicalizaria no *Realismo-Naturalismo*.

Com efeito, Jacinto do Prado Coelho observou que:

“Entre 1855 e 1875, em Portugal, como lá fora, o estilo de vida social modificou-se, os espíritos tornam-se, pouco a pouco, mais práticos, menos permeáveis ao sentimentalismo. Começava a era do caminho de ferro e das ciências positivas. A Literatura evolucionava, tornando-se expressão de novas inquietações”<sup>1</sup>.

O propósito deste trabalho é refletir sobre as possibilidades de mescla entre essas duas correntes, através do estudo da novela *O Comendador*, de Camilo Castelo Branco. Como se sabe, essa novela pertence à fase final da produção camiliana, e é, justamente, nela que Camilo inaugura uma nova tendência em seu fazer literário, aderindo, ainda que com reservas, ao *Realismo-Naturalismo*, diferentemente do início de sua carreira em que privilegia o fazer folhetinesco como acontece, por exemplo, em *Anátema*, *Mistérios de Lisboa* e *O livro negro de Padre Diniz*.

Como esta é uma novela pouco conhecida de Camilo, apresentaremos aqui um resumo de sua trama.

Ela conta a história de amor de Belchior Bernabé e Maria Ruiva, filha do mais rico estancieiro de uma freguesia do Minho. Belchior era um enjeitado que fora criado pela viúva Bernabé, tecedeira, que o encontrara, recém-nascido, numa manhã fria e chuvosa, envolto numa baeta, junto às raízes de uma oliveira. Livre da morte certa, a frágil criança transformara-se em um robusto rapaz, que já aos dezenove anos amava Maria, a mais ajeitada filha de Silvestre Ruivo.

---

<sup>1</sup> **COELHO**, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela camiliana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982. V. 1, p. 65.

Por razões sócio-econômicas, o amor entre os dois é impossibilitado. Afinal, Belchior, além de enjeitado, era pobre. Por isso, Silvestre, ao descobrir a paixão da filha, resolve, de forma tirana, por fim a esse amor, trancando-a em um quarto. Para completar, Padre João, irmão de Silvestre, que havia denunciado o amor de Maria e Bernabé, consegue, por meio de suas influências, incluir o amante de sua sobrinha na lista dos convocados para o exército.

Entretanto, essas providências não puderam evitar a consumação desse amor e a conseqüente gravidez de Maria. Tia Bernabé, ao saber do que o futuro reservava para seu filho adotivo, resolve vender a casa, única posse de que dispõe, e, com o dinheiro, resgatá-lo do exército. Mais uma vez, Padre João entra em cena e impede o intento da zelosa mãe. A tecedeira, então, é aconselhada por um seu cunhado, calafate em Vila do Conde, a financiar a fuga do rapaz para o Brasil, única maneira, segundo o ele, de se livrar o Belchior do exército e da rancorosa vingança de Silvestre Ruivo. Tia Bernabé fica em dúvida, mas é convencida e o filho foge para o Brasil.

Vinte anos depois, ele volta, para Portugal, enriquecido e com um novo nome: Comendador Guimarães. Com o intuito de limpar a honra da mulher amada e reconhecer, publicamente, o filho, ele, começa, secretamente, a investigar os acontecimentos dos vinte anos em que esteve fora. Numa conversa que tem com o Sr. Abade, o mesmo que o batizara há quarenta anos, fica sabendo que o amor de sua vida tivera um filho e que fora mantida em cárcere privado pelo pai durante todo esse tempo, sendo permitido a ela, apenas sair para se confessar.

Por fim, após um encontro na igreja local, o Comendador se revela a Maria e ao filho, e honra a ambos com o casamento e o reconhecimento respectivamente. A felicidade sorri, dessa forma, para os três, até então infelizes.

Analisando-se a estrutura narrativa dessa novela, percebemos que ocorre uma mediação entre os elementos realistas e os folhetinescos, os quais dividem a novela em duas partes.

Na primeira delas, predominam, claramente, os elementos realistas-naturalistas, isto é, aqueles mais afinados com a realidade. Com efeito, encontramos nessa parte, e em acordo com uma das proposições do *Realismo*, as características peculiares de uma vida comum, bem distante da excepcionalidade romântico-folhetinesca. É lá que o amor apaixonado e carnal de Bernabé e Maria Ruiva é impedido por uma questão sócio-econômica, sem que haja nenhuma ação heróica para evitar a separação, Bernabé se limita a chorar pelos cantos a sua sorte. É bem verdade que esse amor já representa uma contestação da ordem social, mas, evidentemente, este não se radicaliza como em *Amor de perdição*, em que Simão Botelho<sup>2</sup> que se apaixona perdidamente por Teresa, filha de uma família inimiga, mata um seu rival e depois, por não poder, viver com Teresa, a paixão que tinham um pelo outro, acabam, ambos, desencompatibilizando-se com a sociedade, para, finalmente, morrerem de amor, numa negação absoluta das regras sociais.

Notamos também que as demais personagens são simples e suas ações mediadas pelas estruturas sociais. Assim sendo, não temos as figuras heróicas ou de feitos extraordinários, mas gente simples com ações bem próximas da realidade, do habitual. Desse modo, temos um enredo que, por assim dizer, se aproxima da normalidade.

Na segunda parte, entretanto, e curiosamente, aparece, ainda que de forma abrandada, alguns traços da velha fórmula do romance-folhetim. Na verdade, não temos em *O Comendador* aquela estrutura típica do folhetim. Segundo Marlyse Meyer:

“O mundo tenebroso do folhetim oitocentista oferece a imagem de uma luta agônica pela vida, opondo os fracos, os virtuosos, as vítimas da sociedade, os perseguidos, as mulheres abandonadas, estupradas, viúvas, esposas -mártires, as crianças espancadas, seviciadas, os pobres,

---

<sup>2</sup> Cf. CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição: (memórias d'uma família); Amor de salvação*. São Paulo, Scipione, 1994.

todos os injustiçados enfim, aos poderosos, aos fortes, aos hábeis, aos luxuriosos, aos ricos, aos perversos, aos patrões, aos contramestres, aos agiotas, ao destino adverso, aos Maus, em suma”.<sup>3</sup>

Essa luta, é claro, narrada de forma alucinante, com uma sucessão rocambolesca de fatos permeados por reviravoltas, mistérios, paternidades desconhecidas, crimes personagens que somem e reaparecem...

Dos traços folhetinescos presentes nesta parte, destaque para o tema do reconhecimento: Belchior retorna para Portugal, com um novo nome para honrar o amor de sua vida e reconhecer o seu filho, fruto desse amor. O Comendador não se caracteriza mais como homem comum, está agora na esfera da excepcionalidade. Foi capaz de manter, no peito, a chama de um amor por vinte anos e voltar para vivê-lo com uma mulher que, apesar de tudo que passou, trancada em um quarto e sem receber notícias do seu amor, ainda assim acreditou num reencontro que acaba, afinal, se realizando. Em verdade, esse fato não pertence à vida ordinária, o mais esperado era crer que se esquecessem um do outro, como acreditava o cunhado de Tia Bernabé, conforme esta passagem: *“Qual queres tu: vê-lo aqui soldado, ou saber que ele está no Brasil a manobrar sua vida? Deixa-o ir. A rapariga, quando ele chegar a Pernambuco, já lhe não lembra.”*<sup>4</sup>

Temos nessa parte, também, a figura do penitente, em certa medida encarnada pelo Comendador, mas que tem como principal representante o Sr. Abade, que aparece na primeira parte como preguiçoso, glutão e libertino, para, na segunda, reaparecer como um homem arrependido e caridoso.

Essa segunda parte encerra a novela que acaba tendo um final feliz.

Entretanto, acreditamos que esse final feliz é apenas uma construção aparentemente romântica. Inicialmente, temos uma versão positiva do caso de amor entre Belchior e Maria. Um homem extraordinário que retorna, passados vários anos, para viver o amor impossível da sua

---

<sup>3</sup> MEYER, Marlyse. Folhetim: uma história. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 415.

<sup>4</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. O Comendador. In: *Novelas do Minho II*. Lisboa, Europa-América, s.d, p. 68.

juventude com uma mulher que sempre confiou na sua volta. É essa versão, mais imediata, que nos é oferecida. Mas, para o leitor atento, esta é apenas uma máscara, uma maneira sutil, que o genial Camilo, lançando mão de alguns elementos do romance folhetim, encontrou para veicular uma outra versão, menos pura, daquele amor. Os dados para se ter acesso a essa leitura estão presentes no texto.

Já no começo da segunda parte da novela, que possui características folhetinescas, notamos que o retorno do Comendador é muito pomposo, apesar de sua aparente grandiosidade moral. Seu interesse pela mulher liga-se menos a um persistente amor que a uma questão de desforra, de auto-afirmação, já que Belchior, há vinte anos fora impedido de casar com a filha do abastado Silvestre Ruivo, justamente, porque era um homem sem posses. Depois, ficamos sabendo de um encontro, também na segunda parte, que teve o Comendador com o Sivistre, aquele convidara o Ruivo para um jantar em sua hospedaria e o impressionara com sua pompa e luxo, apresentando “*criados com casaca, bota de verniz, gravata branca e luvas, a servir à mesa*”<sup>5</sup>. Além disso, exige como dote de sua mulher a corte dos bois de Silvestre Ruivo. Mesmo as irrepreensíveis atitudes do Sr. Abade, na segunda parte da novela, podem ser contestadas. É ele quem realiza o casamento do Comendador Guimarães e Maria, coisa que há vinte anos se recusara a fazer, se negando a interceder junto a Sivistre. O padre fora procurado por Tia Bernabé para remediar a gravidez de Maria com a realização do casamento com Belchior. A tecedeira apelou para os princípios cristãos, que o Sr. Abade tão bem conhecia, já que era “*pregador da caridade e da igualdade entre os servos de Jesus Cristo*”<sup>6</sup>, mas nem assim conseguiu convencer o homem. Este alegou que era muita pretensão querer casar um enjeitado com a filha mais bonita do mais rico lavrador da região, pela qual o pai já havia rejeitado uma

---

<sup>5</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. O Comendador. In: *Novelas do Minho II*. Lisboa, Europa-América, s.d, p. 71.

<sup>6</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. *O Comendador*, p. 69.

proposta de um outro pretendente que colhia tantas pipas e tantos carros, a fora o azeite, e conclui com as seguintes palavras: “...*Então uma rapariga de boa família, que tem três tios padres e que é filha dum capitão de ordenanças, casa-se assim com um enjeitado...*”<sup>7</sup> Portanto, essa mudança de atitude soa menos à nobreza de sentimentos que a um interesse mesquinho de quem quer tirar proveito de uma boa relação com um ricoço. Na verdade, numa última cena da novela o Sr. Abade faz um pedido para o casal a fim de que retribuam as boas ações que ele fizera, pois já estava no final da vida e não havia mais ninguém por ele.

É curioso observar que Camilo, mais do que mesclar elementos de dois estilos literários opostos, também inverte a ordem histórica, pois começa com elementos realistas-naturalistas e termina com os folhetinescos, e, ao fazer isso, nos mostra dois mundos diferentes. Assim, ao permitir uma outra leitura além da que é apresentada em *O Comendador*, Camilo joga por terra uma das principais prerrogativas da Escola Realista: a transparência e a imparcialidade da linguagem. De fato, essa nova corrente literária caracterizava-se por uma forma de narrar e descrever, com base nos princípios das ciências positivas, que buscava, por meio de uma meticulosa observação e experiência, captar o real com a mais absoluta fidelidade, objetivando mesmo a supressão do narrador. Tal escola atingiu o seu grau máximo, na Literatura, com o *Madame Bovary* de Flaubert.

Verdadeiramente, como vimos, Camilo não deixa de ser influenciado pela nova corrente, todavia esta adesão é bastante crítica. A esse respeito, podemos citar o irônico prefácio da quinta edição do seu *Amor de perdição*, em que dá a entender que escrever no novo estilo seria “*espremer o pus de muitas escrôfulas à face do leitor*”<sup>8</sup>, e as publicações de *Eusébio Macário*, 1879, e *A Corja*, 1880, em que parodia a técnica realista-naturalista.

---

<sup>7</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. *O Comendador*, p 67.

<sup>8</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. Prefácio da quinta edição. *Amor de perdição*. São Paulo: Scipione, 1994, p 6.

Em suma, Camilo mescla elementos das duas escolas, nega a totalidade da linguagem, como pressupõe os realistas, e atende ao novo gosto literário que começava então a mudar.

### **Resumo:**

A década de 70 do século XIX foi marcada, em Portugal, pelo embate de duas correntes literárias aparentemente imiscíveis: o Romantismo e o Realismo-Naturalismo. O propósito deste trabalho é refletir sobre as possibilidades de mescla entre essas duas correntes, através do estudo da novela *O comendador* de Camilo Castelo Branco. A análise das articulações e mediações dos elementos folhetinescos e realistas-naturalistas dessa obra permitirão, ainda, que reflitamos sobre a controversa adesão deste autor ao Realismo-Naturalismo.

### **Referências bibliográficas**

- BRAGA**, Theophilo. *As teocracias literárias: relance sobre o estado atual da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Tipografia Universal, 1865.
- CABRAL**, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho, 1988.
- CASTELO BRANCO**, Camilo. *Amor de perdição: (memórias d'uma família); Amor de salvação*. São Paulo, Scipione, 1994.
- CASTELO BRANCO**, Camilo. *Anátema*. Lisboa: Livros Horizontes, 1981.
- CASTELO BRANCO**, Camilo. *O Comendador*. In: *Novelas do Minho II*. Lisboa, Europa-América, s.d.
- CASTELO BRANCO**, Camilo. *Prefácio da quinta edição. Amor de perdição*. São Paulo: Scipione, 1994, p 6.
- CASTELO BRANCO**, Camilo. *Mistérios de Lisboa*. Porto: A R da Cruz Coutinho, 1978.
- CASTELO BRANCO**, Camilo. *O livro negro de Padre Diniz*. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira, 1924.

**COELHO**, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela camiliana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982. V. 1.

**COELHO**, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Barcelos: Editora do Minho, 1978.

**LOPES**, Oscar. *A busca de sentido: questões de Literatura Portuguesa*, 2ª ed. Lisboa: Caminho, 1994.

**MEYER**, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

**OLIVEIRA**, Paulo Motta. *Aspectos do amor em Camilo: da heroína romântica à mulher comum*. Revista de Letras, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, nº 47, p. 83-94.

**QUENTAL**, Antero. *Bom senso e bom gosto*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865.

Ernane Alves Siqueira, aluno de graduação da FALE/UFGM, 8º período, habilitação

Português/Licenciatura, participa de uma pesquisa de iniciação científica, sobre Camilo

Castelo Branco, com o Prof. Dr Paulo Motta Oliveira desde agosto/2001.